

OS ÍNDICES ESPECÍFICOS E OS PROCEDIMENTOS ACESSÓRIOS DA ENUNCIÇÃO

Fábio Aresi¹

fabio_koy@yahoo.com.br

RESUMO: Meu objetivo neste trabalho é explorar as noções de *índices específicos* e de *procedimentos acessórios* no texto de Émile Benveniste, intitulado *O aparelho formal da enunciação* (1970), formulando hipóteses acerca do que elas possam se referir no plano da enunciação. Para tanto, apresento as discussões relativas a *significação* e *subjetividade* no pensamento de Benveniste a partir de uma revisão cronológica de textos importantes do autor. Assim, acredito que as noções de *índices específicos* e *procedimentos acessórios* figuram como um “ponto de chegada” da busca de Benveniste pela questão da subjetividade na linguagem, ou ainda, pela questão da significação, trazendo consigo alusão a outras noções desenvolvidas ao longo das reflexões anteriores do linguista.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; índices específicos; procedimentos acessórios.

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho remete à seguinte passagem do célebre texto de 1970 de Émile Benveniste, chamado *O aparelho formal da enunciação*:

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro (Benveniste, 1970/2006: 84).

Este trecho brilhante parece apresentar uma noção de *enunciação*, ainda que não abarque a totalidade da questão (trata-se da enunciação *enquanto realização individual*). No entanto, esta mesma passagem é também um tanto intrigante. Ora, quais são os *índices específicos* e os *procedimentos acessórios* que possibilitam ao locutor enunciar sua posição de sujeito? Acredito que esse questionamento se deva, principalmente, à diferença que este texto

¹ Aluno de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

marca, no trecho citado em especial, entre a concepção de significação presente nele mesmo e as concepções presentes em textos anteriores do linguista.

Procuro neste breve trabalho, portanto, explorar as noções de *índices específicos* e de *procedimentos acessórios* no texto de 1970, formulando hipóteses acerca do que elas possam se referir no plano da enunciação. Acredito que tais noções figuram como um “ponto de chegada” (embora não de fechamento) da busca de Benveniste pela questão da subjetividade na linguagem, ou ainda, pela questão da significação, trazendo consigo alusão a outras noções, tais como as divisões *pessoa/não-pessoa*, *objetivo/subjetivo* e *semiótico/semântico*, desenvolvidas ao longo das reflexões anteriores do autor. Essa busca se evidencia principalmente nos textos em que o linguista aborda a língua sob a perspectiva do uso. Assim, tentarei, ainda que de forma muito breve, mostrar como se apresentam as questões relativas a *significação e subjetividade* no pensamento de Benveniste a partir de uma revisão cronológica de textos importantes do autor presentes em seus dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, para então mostrar como as dicotomias citadas, se não se diluem por completo, ao menos constituem uma configuração dialética de língua na qual a *enunciação* é a grande síntese.

Os textos que servem de base para este estudo estão divididos em três blocos: a) no primeiro bloco estão *A natureza dos pronomes* (1956) e *Da subjetividade na linguagem* (1958); b) no segundo bloco estão *Os níveis da análise linguística* (1964), *A forma e o sentido na linguagem* (1966) e *Semiologia da língua* (1969); c) por fim, no terceiro bloco, está o texto *O aparelho formal da enunciação* (1970). Penso que esta divisão possibilita uma leitura que veja no conjunto de textos benvenistianos um desenvolvimento da concepção de significação que leva indubitavelmente a uma mudança: De uma visão primeiramente indicial da subjetividade na linguagem, para uma abordagem da língua enquanto *semiótica* e enquanto *semântica*, a qual conduz a uma concepção de língua em que ela toda estaria submetida à enunciação, através de um constante processo de apropriação subjetiva.

Por fim, termino este estudo com uma reflexão sobre as implicações das noções de *índices específicos* e *procedimentos acessórios* no que diz respeito à análise enunciativa. Creio ser necessário realizar essa pequena discussão tendo em vista o caráter “reduzido” com que geralmente se olha para aos estudos enunciativos, sendo comum a crença de que a enunciação restringe-se apenas às relações de pessoa, tempo e espaço (eu-tu-aqui-agora) e, conseqüentemente, de que seu estudo deva se restringir apenas a essas marcas linguísticas.

1. PRIMEIRO BLOCO – PESSOA, TEMPO E ESPAÇO: MARCAS FORMAIS DE UM PRIMEIRO VISLUMBRE DA ENUNCIÇÃO

Percebe-se, nos textos de Benveniste que datam das décadas de 40 e 50 e que se encontram na quinta parte de *Problemas de Linguística Geral I*, chamada *O homem na língua*, uma preocupação preponderante do linguista pela questão da subjetividade na linguagem, embora essa subjetividade pareça estar restrita a apenas alguns traços formais da língua. É o que evidenciam os textos *A natureza dos pronomes* (1956) e *Da subjetividade na linguagem* (1958). Neles, é fácil notar que as grandes indagações de Benveniste sobre a questão da subjetividade giram em torno de marcas formais relacionadas a categorias da linguagem muito específicas. Trato aqui das categorias linguísticas de *pessoa*, *tempo* e *espaço*². É nessas marcas específicas da língua, que apontam mais para a instância de discurso do que para o sistema linguístico, que Benveniste vê a possibilidade do homem se constituir como *sujeito* (cf. Benveniste, 1958/2005). Diz o linguista:

Estamos na presença de uma classe de palavras, os “pronomes pessoais”, que escapam ao *status* de todos os outros signos da linguagem. A que, então, se refere o *eu*? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutra passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade a qual ele remete é a realidade do discurso (op.cit.: 288).

Assim, os pronomes pessoais seriam, para Benveniste, “o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem” (op.cit.: idem), uma vez que seu *status* é muito particular: “Ora, esses pronomes se distinguem de todas as designações que a língua articula, no seguinte: *não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo*” (op.cit.: idem, grifos do autor). É o *status* de sui-referencialidade das pessoas *eu-tu*, em oposição à não-pessoa *ele*.

Além da categoria de *pessoa*, as categorias de *tempo* e *espaço* partilham do mesmo *status* linguístico e figuram como pertencentes ao domínio do discurso, como apontam os textos aqui convocados. No entanto, eles até então constituem os únicos elementos da língua

² Cabe avisar que não entrarei aqui em detalhes sobre as investigações de Benveniste acerca das categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço*. Um trabalho de revisão dos estudos do linguista acerca dos pronomes pessoais, dos verbos e dos demais elementos por ele designados de “indicadores de subjetividade”, além de demandar um grande espaço, não é do interesse deste estudo. Pressuponho aqui que tais estudos já sejam de conhecimento do leitor.

que permitem falar de subjetividade na linguagem. É essa, ao menos, a idéia que se deixa entrever em *A natureza dos pronomes*, quando o autor afirma que “o essencial é, portanto, a relação entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a *presente* instância de discurso” (Benveniste, 1956/2005: 280, grifo do autor). Ora, é inegável que haja aí já uma reflexão sobre *enunciação*, embora o termo utilizado para designá-la seja geralmente “instância de discurso”³. Todavia, se Benveniste aí contempla a enunciação, ele o faz em uma primeira aproximação e através desses signos específicos que melhor revelam a relação do homem com a língua, em oposição aos demais elementos “objetivos” dessa, os quais não comportam qualquer relação de *pessoa*. Assim, vemos nesse “estágio” da reflexão benvenistiana que *subjetivo* (signos que remetem à instância de discurso: eu-tu-aqui-agora) e *objetivo* (signos que remetem a uma “realidade objetiva”) constituiriam duas espécies de “compartimentos” da língua, sendo que apenas o primeiro deles diria respeito à enunciação.

2. SEGUNDO BLOCO – SEMIÓTICO E SEMÂNTICO: DUAS MANEIRAS DE SER LÍNGUA NA FORMA E NO SENTIDO

A partir do texto de 1964, intitulado *Os níveis da análise linguística*, vemos Benveniste operar uma mudança em seu modo de ver a significação. Como diz Normand (2009: 154): “É somente a partir de 1964 que a propriedade de significação é apresentada nos seus textos como um problema fundamental da linguística, exigindo novos conceitos e que se modifique o método de descrição”. É, portanto, quando se volta para a noção de “nível” de análise linguística e distingue as unidades de cada nível através das relações entre forma e sentido⁴ que Benveniste vê a necessidade de se considerar a língua sob duas perspectivas. Diz ele:

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso. Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora abarquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes (Benveniste, 1964/2005: 139).

³ Os textos de Benveniste em geral são caracterizados por certa “flutuação” terminológica, em virtude, talvez, da distância que existe entre cada um dos textos, embora dentro de um mesmo texto encontremos o emprego de termos como “enunciação” com mais de um sentido, ou mais de um termo com o mesmo sentido. O termo “instância de discurso” aqui trazido se configura uma das muitas denominações da noção de *enunciação* empregadas por Benveniste em seus textos. Para mais sobre o assunto, ver Ono (2006) e Normand (1996).

⁴ “Forma e sentido devem definir-se um pelo outro e devem articular-se juntos em toda extensão da língua. As suas relações parecem-nos implicadas na própria estrutura dos níveis e na das funções a que elas correspondem, que aqui designamos *constituente e integrante*” (Benveniste, 1964/2005: 135).

Dessa forma, Benveniste vê na frase outro aspecto da significação, diferente daquele que define as unidades de níveis inferiores. Não se trata mais de saber se um segmento determinado da língua tem um sentido ou não, mas, como afirma o linguista, de nos perguntar “qual é esse sentido?” (op.cit.: 136). Essas duas maneiras de ser língua na forma e no sentido (cf. *A forma e o sentido na linguagem*, de 1966), ou essa dupla significância da língua (cf. *Semiologia da língua*, de 1969), levam Benveniste a instaurar a divisão *semiótico/semântico*.

O que se percebe nessa nova concepção de significação é que não se trata mais de uma divisão na língua, a qual comportaria um lado *subjetivo* (composto de “signos vazios” específicos que só se preencheriam de sentido na instância de discurso) e um lado *objetivo* (que diria respeito ao sistema da língua e ao restante dos signos). Trata-se, na verdade, de conceber a *língua toda* enquanto sistema formal intralinguístico (semiótico) e de conceber a *língua toda* enquanto língua atualizada em frase por um locutor (semântico). Ter “sentido”, para uma unidade na acepção semiótica, é ser significante, isto é, ser identificável pelo falante através de relações estabelecidas com as demais unidades da língua. “Sentido”, na acepção semântica, é a “idéia” que a frase exprime, o “intencionado” do locutor (cf. Benveniste, 1966/2006).

Cabe aqui a pergunta: A qual dessas maneiras de ser língua está relacionada a *enunciação*? Somente à semântica, já que esta diz respeito à língua em uso? Acredito que não. O semântico, domínio da língua em emprego, supõe o semiótico, base significante, e vice-versa. Assim, creio que, na atualização da língua em discurso por um locutor, semiótico e semântico se entrelaçam. Eis o que diz Benveniste:

Esses dois sistemas se superpõem assim na língua tal como a utilizamos. Na base, há o sistema semiótico, organização de signos, segundo o critério da significação [...]. Sobre este fundamento semiótico, a *língua-discurso* constrói uma semântica própria, uma significação intencionada (op. cit.: 233-234, grifo meu).

Portanto, a própria denominação *língua-discurso* parece mostrar que enunciar é, em última análise, “semantizar o semiótico”. Como se dá essa “semantização” da língua? Como o “sentido” se produz em frases? O próprio texto de 1966 já dá indícios de resposta: “Este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento⁵ de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma” (op.cit.: 230). Em outras palavras, é na *sintagmatização* da língua

⁵ A noção de *agenciamento* será de grande importância no próximo bloco deste trabalho.

que o sentido se produz. É nesse grande processo de organização que podemos ver a instância da subjetividade na linguagem, visão essa muito diferente da observada nos textos do bloco anterior deste estudo. E essa nova perspectiva de significação nos leva ao próximo bloco da presente discussão.

3. TERCEIRO BLOCO – ÍNDICES ESPECÍFICOS E PROCEDIMENTOS ACESSÓRIOS: UM MECANISMO TOTAL DA ENUNCIÇÃO

No último texto de Benveniste a ser publicado, chamado *O aparelho formal da enunciação* (1970), vemos a enunciação como foco central na reflexão do linguista, e vemos, em relação aos textos anteriores, principalmente os que foram publicados nas décadas de 40 e 50, que este fenômeno ganha uma amplitude muito maior. Diz o autor sobre esse “emprego da língua”: “Trata-se aqui de um *mecanismo total* e constante que, de uma maneira ou de outra, *afeta a língua inteira*. A dificuldade é apreender este *grande fenômeno*, tão banal que parece se confundir com a própria língua, tão necessário que nos passa despercebido” (Benveniste, 1970/2006: 82, grifos meus). Assim, percebemos que, se antes a questão da subjetividade estava restrita a certas unidades da língua, cujo *status* de significação diferenciava-se dos demais signos linguísticos, agora a língua em sua totalidade está submetida à subjetividade que caracteriza cada ato de enunciar. Desta passagem podemos ainda tirar outras conclusões. Em primeiro lugar, fica claro que *enunciação* e *língua* não significam a mesma coisa. A enunciação diria respeito à *apropriação* individual da língua por um locutor e sua conversão em discurso. A enunciação, assim, não é a língua, e sim aquilo que possibilita o seu emprego, este “tornar próprio de si” que o locutor opera com a língua. Eis aí todo o alcance da subjetividade na linguagem. Em segundo lugar (e em decorrência da questão anterior), ainda que não sejam a mesma coisa, língua e enunciação são constitutivos um do outro, isto é, não há a possibilidade de se pensar em enunciação sem se levar em conta a língua enquanto base significativa. Da mesma forma, é no uso da língua, ou seja, na e pela enunciação, que se atualiza o sistema linguístico, o que nos leva a concluir, juntamente com Benveniste, que “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua” (op.cit.: 83).

Assim, se a enunciação é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (op.cit.: 82), ou ainda, é a essa “conversão individual da língua em discurso” (op.cit.: 83) através de sua “semantização”, como esse fenômeno linguístico se dá? Ainda que essa questão seja tratada por Benveniste como um aspecto da enunciação que

permanece ainda nebuloso⁶, acredito que seja possível tecer uma resposta justamente através do que o linguista nomeia de *aparelho formal da enunciação*, um mecanismo *total* e que possibilita ao locutor fazer com que seu sentido intencionado se forme em palavras, estando ele – o locutor – sempre e necessariamente em relação com seu dizer.

Neste texto de 1970, Benveniste procura abordar a enunciação a partir de seu quadro formal de realização, estando a conversão da língua em discurso na dependência deste quadro. Tentarei aqui sumariamente sistematizar essa reflexão do linguista, com vistas a mostrar essa nova amplitude da subjetividade na linguagem.

Primeiramente, afirma Benveniste: “Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (op.cit.: idem). São, portanto, três os aspectos que constituem o quadro formal da enunciação. Vejamos cada um deles de forma mais detida: a) O *ato*, segundo Benveniste, “introduz em primeiro lugar o *locutor* como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (op.cit.: idem, grifo meu). Assim, para que haja enunciação, é necessário que haja um locutor que se *aproprie* da língua e a efetue em uma instância de discurso. No entanto, como adverte o linguista, “toda enunciação é, explicitamente ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (op.cit.: 84). Estão relacionados ao aspecto do ato, portanto, *intersubjetividade* (*locutor* e *alocutário*) e *processo de apropriação*; b) Às *situações* em que se realiza a enunciação, Benveniste faz corresponder a questão da *referência*, embora esta noção seja igualmente fundamental no primeiro aspecto. Eis o que diz Benveniste:

Na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente [...]. A *referência é parte integrante da enunciação* (op.cit.: idem, grifo meu).

c) Aos *instrumentos* de realização da enunciação correspondem justamente as duas noções que dão título a este trabalho. Ora, o que torna possível ao locutor apropriar-se da língua e referir pelo discurso? Curiosamente, a resposta para essa questão encontra-se na primeira citação deste trabalho, da qual reescrevo a última frase: “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um

⁶ “O mecanismo dessa produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão – muito difícil e pouco estudada ainda – é ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação” (Benveniste, 1970/2006: 83).

lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (op.cit.: idem). Isso não é outra coisa senão o próprio *aparelho formal da enunciação*, um mecanismo total constituído de *índices específicos* e de *procedimentos acessórios*. Assim, o locutor, a cada vez que se apropria do “aparelho formal da língua”, através de tais índices e procedimentos, constrói um “aparelho formal da enunciação”.

A grande questão que fica é: o que são os índices específicos e procedimentos acessórios da enunciação? Em primeiro lugar, devemos voltar nossa atenção para a diferença conceitual que se estabelece entre os termos “índice” e “procedimento” em Benveniste. Vejamos algumas passagens de textos do linguista aqui trabalhados que talvez esclareçam essa questão⁷:

A Natureza dos Pronomes (1956)

- “Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a *eu/tu* uma série de **‘indicadores’** que pertencem, pela sua forma e pelas aptidões combinatórias, a classes diferentes – uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais” (Benveniste, 1956/2005: 279);
- “São, em primeiro lugar, os demonstrativos: *este*, etc. na medida em que se organizam correlativamente com os **indicadores de pessoa**, como no lat. *hic/iste*. Há aqui um traço novo e distinto dessa série: é a identificação do objeto por um **indicador de ostensão** concomitante com a instância de discurso que contém o **indicador de pessoa**” (op.cit.: idem);
- “O essencial é, portanto, a relação entre o **indicador** (de **pessoa**, de **tempo**, de **lugar**, de objeto mostrado, etc.) e a *presente* instância de discurso” (op.cit.: 280);
- “Se cada locutor, para exprimir o sentimento que tem da sua subjetividade irreduzível, dispusesse de um **‘indicativo’** distinto [...], haveria tantas línguas quanto indivíduos e a comunicação se tornaria estritamente impossível” (op.cit.: 281);
- “Assim, os **indicadores** *eu* e *tu* não podem existir como signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso” (op.cit.: idem);
- “Um enunciado pessoal finito se constitui, pois, sobre um plano duplo: emprega a função denominativa da linguagem para as referências de objeto que esta estabelece como signos lexicais distintivos, e organiza essas referências de objeto com a ajuda de **indicadores auto-referenciais**” (op.cit.: 282);

⁷ Os destaques em negrito nas próximas citações são meus, enquanto que os destaques em itálico estão presentes nos textos originais. Creio ser necessário o uso de **negrito** para que essa distinção seja clara.

- “Uma análise, mesmo sumária, das formas classificadas indistintamente como pronominais leva assim a reconhecer classes de natureza totalmente diferentes e, em consequência, a distinguir, de um lado, a língua como repertório de signos e sistema de suas combinações e, de outro, a língua como atividade manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por **índices próprios**” (op.cit.: 283).

Da Subjetividade na Linguagem (1958)

- “Os próprios termos dos quais nos servimos aqui, *eu* e *tu*, não se devem tomar como figuras mas como formas linguísticas que **indicam** a ‘pessoa’” (Benveniste, 1958/2005: 287);
- “São os **indicadores** da *deíxis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações especiais e temporais em torno do ‘sujeito’ tomado como ponto de referência” (op.cit.: 288);
- “[...] essa forma pessoal é, se se pode dizer, o **indicador de subjetividade**” (op.cit.: 291);
- “Assim, o ato é cumprido pela instância de enunciação do seu ‘nome’ (que é *jurar*), ao mesmo tempo em que o sujeito é apresentado pela instância de enunciação do seu **indicador** (que é ‘eu’)” (op.cit.: 293).

O Aparelho Formal da Enunciação (1970)

- “É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância. Sob a mesma consideração disporemos os **procedimentos pelos quais** as formas linguísticas se diversificam e se **engendram**” (Benveniste, 1970/2006: 83);
- “A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de **formas específicas** cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. [...] É primeiramente a emergência dos **índices de pessoa** (a relação *eu-tu*)” (op.cit.: 84);
- “Da mesma natureza e se relacionando à mesma estrutura de enunciação são os numerosos **índices de ostensão** (tipo *este, aqui*, etc.)” (op.cit.: 84-85).

Como podemos ver, tomo nos textos de Benveniste o termo “índice” em estreita correlação com os termos “indicador” e “indicar”. Ora, como os trechos citados acima mostram, a presença desses termos parece estar relacionada indistintamente aos mesmos elementos, a saber, às categorias de *pessoa*, de *tempo* e de *espaço*. Isso está em conformidade com os termos “indicadores auto-referenciais”, “indicadores da *déixis*”, etc. No *Dicionário de Linguística da Enunciação*, tais termos estão diretamente relacionados ao vocábulo “indicadores de subjetividade”. Eis aqui parte do verbete:

Indicadores de subjetividade *s.m.* Benveniste

Outras denominações: indicadores autorreferenciais⁸, indicadores de *déixis*.

Definição: formas disponíveis na língua utilizadas para convertê-la em discurso, cujo emprego remete à enunciação.

Nota explicativa: Os indicadores de subjetividade são formulados a partir da discussão da noção de *déixis* [...]. Esses indicadores pertencem a várias classes de palavras – pronomes, verbos, advérbios etc. – podendo ser divididos, de acordo com a noção que expressam, em *indicadores de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado* etc. Sua condição de autorreferenciação deve-se ao fato de sua existência estar ligada à tomada da palavra, cuja realidade é a realidade do discurso (Flores *et al.*, 2009: 140, grifos meus).

Além disso, o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (Ferreira, 2004: 1095) define o vocábulo “índice”, entre outras coisas, como “tudo aquilo que *indica* ou denota alguma qualidade ou característica especial” (grifo meu). Tais índices seriam, portanto, os indicadores por excelência da subjetividade na linguagem.

No que diz respeito ao termo “procedimento”, percebemos que, embora não seja recorrente nos trabalhos de Benveniste, ele parece estar mais próximo da idéia de *organização*, ou ainda, de “agenciamento”, tal como esta noção é definida no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (Flores *et al.*, 2009: 47): “Processo de organização sintagmática pelo sujeito”. Ou seja, “Através do agenciamento, o sujeito organiza as formas da língua para transmitir a ideia a ser expressa em seu enunciado” (op.cit.: *idem*). É em concordância com essa concepção que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss; Villar, 2009: 1554) define um dos usos do termo “procedimento”: “Modo de fazer (algo); técnica, *processo*, método” (grifo meu).

Assim, acredito que a noção de *índice* remete à noção de unidade, de elemento formal “indicador” tal como este último termo figura nos textos benvenistianos, enquanto que a noção de *procedimento* está mais relacionada à noção de processo, de modo de organização

⁸ Mantenho aqui ambas as grafias, “auto-referenciais” e “autorreferenciais”, obedecendo tanto à versão do termo presente no *Problemas de Linguística Geral I* e à versão presente no *Dicionário de Linguística da Enunciação*.

das unidades, de “agenciamento”. Trata-se, com efeito, de dois conceitos complementares e constitutivos do aparelho formal da enunciação, mas ainda assim distintos⁹.

Quais são os *índices específicos* da enunciação? Penso que são aqueles mesmos índices presentes na reflexão de Benveniste desde a década de 40 e 50. São as formas específicas das categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço*, reveladas na e pela enunciação, e responsáveis por assegurar a *referência* (eis aqui o sentido de indicar) enquanto condição necessária da enunciação (referência ao ato e à situação de enunciação). Segundo o autor:

Estas condições iniciais [de ato e de situação] vão reger todo o mecanismo de referência no processo de enunciação, criando uma situação muito singular [...]. Esta situação vai se manifestar por um jogo de *formas específicas* cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (Benveniste, 1970/2006: 84, acréscimos e grifos meus).

Benveniste aborda três categorias: os “índices de pessoa”, os “numerosos índices de *ostensão*” e as “formas temporais”. São “classes de signos que ela [a enunciação] promove literalmente à existência” (op.cit.: 86, acréscimo meu), e que mais claramente caracterizam o “*eu-tu-aqui- agora*” de cada enunciação.

Quais são os *procedimentos acessórios* da enunciação? Haveria a possibilidade de listá-los exaustivamente? Evidentemente que não, já que, como diz Benveniste em *Os Níveis da Análise Linguística* (1964): “Um inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar; um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar” (Benveniste, 1964/2005: 139). Porém, creio que é possível responder, ao invés de “quais”, “o que” são os *procedimentos acessórios* da enunciação, tendo em mente a seguinte passagem de *A Forma e o Sentido na Linguagem* (1966): “[...] indo além das palavras, a ideia deve sofrer a restrição de *leis de seu agenciamento*” (Benveniste, 1966/2006: 232, grifo meu). É assim que entendo esse conceito: como *processo de agenciamento das formas*. Benveniste afirma: “Além das formas [específicas] que comanda, a enunciação fornece as condições necessárias às grandes *funções sintáticas*. Desde o momento em que o enunciador se serve da língua [...],

⁹ Coloco aqui os índices e os procedimentos linguísticos da enunciação em uma relação de complementaridade. No entanto, é de se estranhar o fato de que os adjetivos utilizados para caracterizá-los sejam, respectivamente, “específicos” e “acessórios”. Tal qualificação, contrariamente ao que aqui exponho, parece situar estes aspectos em uma relação de “maior ou menor importância”, principalmente devido ao sentido pejorativo associado ao termo “acessório”. Segundo a definição presente no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss; Villar, 2009: 31), o vocábulo “acessório” significa, entre outras coisas: “1. Que se junta ao principal; suplementar, adicional, anexo. 2. Que tem importância menor; secundária, dispensável”. “Acessório” seria, portanto, o antônimo de “necessário”. Quanto a essa escolha do linguista pelo termo “acessório”, só podemos fazer conjecturas. Assim, creio que se esse termo ali se encontra caracterizando “procedimentos”, este entendido como “processos de agenciamento das formas”, não é no sentido de ser algo “de menor importância” ou “dispensável”, mas justamente por ser um aspecto de menor evidência na investigação acerca da subjetividade na linguagem, sendo as categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço* mais elucidativas dessa instância do homem na língua.

ele dispõe para este fim de um aparelho de funções”¹⁰ (Benveniste, 1970/2006: 86, acréscimo e grifos meus). Ora, o que se quer dizer com isso? Não me parece outra coisa senão a semantização total da língua, isto é, a conversão total da língua em discurso e a constituição do sentido a partir da escolha e do agenciamento das formas por um locutor no uso efetivo da língua. O aparelho formal da enunciação, assim, não diz respeito a apenas uma parte da língua: esta se encontra inteiramente sujeita à enunciação.

Assim, quando Benveniste diz que “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” e que “deve-se considerá-la [a enunciação] como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam essa relação” (op.cit.: 82, acréscimo meu), quem considera esses “caracteres linguísticos” como restritos às categorias de *pessoa*, *tempo* e *espaço* vislumbra apenas parte do *aparelho formal da enunciação*, concebe a enunciação pela metade. Que caracteres marcam a relação do locutor com a língua? Todos os caracteres do enunciado, uma vez que todos eles fazem parte do processo de agenciamento sintagmático e cumprem uma função nessa organização, a cada vez singular. A própria escolha lexical é uma marca de subjetividade, o próprio recurso prosódico também o é. Em suma, enunciar é subjetivizar a língua toda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, neste estudo, investigar acerca das noções de *índices específicos* e *procedimentos acessórios* presentes no texto de 1970 de Émile Benveniste, concluindo a partir delas que a enunciação, ao supor a conversão individual da língua em discurso, afeta e *língua inteira*, reconfigurando seu sistema a cada nova instância enunciativa. Assim, o aparelho formal da enunciação não corresponderia unicamente a formas linguísticas específicas, mas a todas as formas da língua e ao conjunto de mecanismos linguísticos que permitem a semantização da língua. É o mecanismo total que permite ao locutor (se) referir pelo discurso, colocando-o em relação constante com seu dizer.

¹⁰ Com relação a esse aparelho de funções, Benveniste faz corresponder as funções da *interrogação*, da *intimação* e da *asserção*, funções sintáticas possíveis no uso da língua somente através de leis de agenciamento das formas: “Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, sequência, entonação, etc. derivam deste aspecto da enunciação” (Benveniste, 1970/2006: 86). O linguista também concebe neste mesmo texto de 1970 “todos os tipos de modalidades formais, [...] uns pertencentes aos verbos, [...] outros à fraseologia”, como característicos da enunciação, embora reconheça que tais elementos são menos categorizáveis. Seriam os “modos” verbais e as unidades do tipo “talvez”, “sem dúvida” e “provavelmente” indicadores específicos ou processos de agenciamento sintagmático? A questão é particularmente difícil e a deixarei por ora deliberadamente em suspenso.

Tal constatação teórica certamente traz implicações à prática da análise enunciativa. A questão aqui é: O que é fazer uma análise enunciativa? Creio que minha resposta para essa questão, tendo em mente as noções de *índices específicos* e *procedimentos acessórios* como articuladoras, no aparelho formal da enunciação, de semiótico e semântico¹¹, esteja em conformidade com o que diz Normand (2009: 181): “parece que o estudo das frases depende menos de uma análise linguística (em princípio generalizável) do que de um *comentário* de texto cada vez particular. A novidade é que esse comentário se apóia na descrição semiótica” (grifo meu). Assim, estou de acordo com a autora quando penso na análise enunciativa como um “comentário” sobre a enunciação, isto é, como uma interpretação do enunciado, enfim, como uma enunciação sobre outra enunciação. A consequência mais imediata dessa constatação é o fato de que a análise enunciativa, por ser também ela uma enunciação, partilha do mesmo *status* de seu objeto: será sempre singular e irrepitível.

O que pauta esse tipo de análise? Ora, trata-se sempre aqui da relação entre *forma* e *sentido*. É ela o parâmetro da análise enunciativa. Trata-se, portanto, sempre de descrever qual é o sentido da frase¹² e ver que elementos formais e mecanismos funcionais da língua permitem ao locutor formar tal sentido em uma dada situação de discurso. É claro que essa análise estará sempre na dependência do *quadro formal* que caracteriza a enunciação, ou seja, a análise deverá sempre levar em conta a *referência* à instância de discurso e os instrumentos linguísticos que possibilitam que esse ato de enunciar ocorra e que são justamente os *índices específicos* e os *procedimentos acessórios* sobre os quais discorri neste trabalho. É o todo da instância de discurso que está em jogo: o ato, com referência aos interlocutores e à situação em que ele ocorreu, bem como os caracteres formais do enunciado e seu agenciamento, sua sintagmatização. Nesse todo estão incluídos todos os níveis da análise linguística (entonação, escolha e formação lexical, organização sintática etc.), o que revela o perfil radicalmente *transversal* da enunciação em relação aos níveis da língua¹³. Perceber isso, portanto, é levar em conta não só os *índices específicos*, mas também (e sobretudo) os *procedimentos*

¹¹ Quando digo que os *índices específicos* e *procedimentos acessórios* são articuladores de semiótico e semântico, não falo no sentido de que o primeiro corresponderia ao plano semiótico e segundo ao plano semântico. Ora, tanto nos índices específicos como nos procedimentos acessórios há algo de repetível (aspecto semiótico) e algo de irrepitível (aspecto semântico) a cada enunciação. Assim, tais noções são articuladoras no sentido de que possibilitam essa passagem do semiótico ao semântico, isto é, a atualização da língua em discurso.

¹² Tomo aqui o termo *frase* no mesmo sentido dado por Benveniste no texto *Os níveis da análise linguística* (1964), isto é, como “unidade do discurso”, “criação indefinida, variedade sem limite” (Benveniste, 1964/2005: 139).

¹³ Não entrarei aqui na discussão acerca da noção de *nível de análise* pelo viés enunciativo. Para mais sobre o tema, ver Flores (2009) e Cardoso (2010).

accessórios da enunciação. É levando todos estes aspectos em consideração na análise que podemos ver o sentido de cada ato enunciativo¹⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
2. _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
3. CARDOSO, J.L. *Princípios de análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: IL/UFRGS, 2010.
4. FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3.^a edição. Curitiba: Positivo, 2004.
5. FLORES, V. A enunciação e os níveis de análise linguística em dados de distúrbios de linguagem. In: *Organon*, v.23, n.46. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
6. FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J; TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
7. HOUAISS, A; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
8. NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S.L; PARLATO, E.M; RABELLO, S. (Orgs.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.
9. _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
10. ONO, A. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert Lucas, 2006.

ABSTRACT: My goal in this paper is to explore the notions of *specific index* and *accessory proceedings* in the text of Émile Benveniste, titled *O aparelho formal da enunciação* (1970), creating hypothesis about what they may refer in the scope of *énonciation*. In order to achieve this goal, I present discussions related to *signification* and *subjectivity* in Benveniste's thinking through the chronological revision of important texts of the author. In conclusion, I believe that the notions of *specific index* and *accessory proceedings* figure as an "outcome" of Benveniste's pursuit of the matter of subjectivity in language, or yet, of signification, bringing together other notions developed during the previous reflections of the linguist.

KEYWORDS: *Énonciation*; specific index; accessory proceedings.

Recebido no dia 11 de novembro de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 03 de fevereiro de 2011.

¹⁴ Não é minha intenção terminar este trabalho propondo uma "metodologia enunciativa", no sentido de um *modus operandi* da enunciação. Não há, em Benveniste, a proposição de um modelo de análise propriamente dito, e se falo aqui de análise enunciativa, é numa relação de implicação teórica e não de proposição de um método.